

A FICÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO DIVIDIDO

Leda Mara Ferreira
Mestranda em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo
Bolsista-FAPES

Resumo: De início, tentar-se-á caracterizar o sujeito no mundo moderno, tendo como moderno essencialmente o surgimento das ciências, em seguida far-se-á um pequeno recorte sobre o que alguns teóricos da Antropologia, da Sociologia e da Psicanálise podem nos dizer criticamente sobre este tempo moderno marcado pelo individualismo, e, por último, por um movimento de abertura para o saber supostamente existente no texto literário, tentaremos demonstrar, através do conto “Cartas de mamãe” de Julio Cortázar, a representação de um sujeito que vai à contra mão daquela que se pode auferir na ideologia individualista da referida sociedade, e que corrobora com a concepção de sujeito dividido da teoria Psicanalítica.

Palavras-chave: Ficção. Sujeito. Modernidade.

Resumen: Al início se trata de caracterizar el sujeto en el mundo moderno, teniendo como moderno esencialmente el surgimiento de las ciencias, a continuación, haremos un recorte pequeño de lo que algunos teóricos de la antropología, la sociología y el psicoanálisis nos puede decir críticamente acerca de esta época nuestra marcada por el individualismo y, por último, por un movimiento de apertura al saber supuestamente existentes en el texto literario, vamos a tratar de demostrar, a través del cuento "Cartas de mamá" de Julio Cortázar, la representación de un sujeto que va a contra mano lo que podría tener en la ideología individualista de la sociedad, y que está de acuerdo con el concepto de sujeto escindido de la teoría Psicoanalítica.

Palabras claves: Ficción. Sujeto. Modernidad.

A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização.

S. Freud.

Muitas são os debates sobre a modernidade e a pós-modernidade. Para um determinado segmento de pensadores não existe mais a modernidade, pois o tempo da pós-modernidade chegou. Para outros, o que há é uma radicalização daquilo que seja modernidade, mas os pressupostos do projeto que lhe deu origem não foram alterados. O que gostaríamos de destacar, seguindo Birman, é que, independentemente das divergências entre as teorizações sobre a atualidade, há certo consenso no que diz

respeito às descrições da mesma. Para este autor a modernidade é antes de tudo um projeto de cultura. Sendo assim, podemos dizer que ela demarca uma nova forma de se estar e se viver no mundo. Sua ideologia reverência, dentre outras coisas, o individualismo, a liberdade e a razão. Instituiu o indivíduo como o centro e a razão de ser de toda formulação do saber contemporâneo. “Vale dizer, o projeto da modernidade é antropológico e antropocêntrico, justamente porque o homem na qualidade de indivíduo foi alçado à condição primordial de medida de todas as coisas” (BIRMAN, 2006, p. 3). A partir daí o indivíduo não é apenas uma parte em um todo relacional, a comunidade, tendo essa prevalência sobre aquele, mas é a parte que é prevalente sobre o todo, num individualismo que, associado ao culto da razão, pretende esse indivíduo radicalmente apartado do *outro*. Um indivíduo autônomo, racional, bastando-se a si mesmo, que se confunde com o sujeito e que, por se desejar livre da dependência do outro, nada deve aos seus ancestrais e nada estes têm a transmitir-lhe. “Cada um teria de ser o artífice do próprio destino – mesmo que isso lhe exigisse renegar toda dívida para com seus ancestrais, a tradição, etc.” (CRESPO, 2003, p. 108).

O antropólogo Louis Dumont postulou que há duas espécies de sociedades. “Quando o Indivíduo constitui o valor supremo, falo de *individualismo*; no caso oposto, em que o valor se encontra na sociedade como um todo, falo de *holismo*” (DUMONT, 1983, p. 37). Diz-nos que o individualismo é próprio da sociedade moderna: “[...] o ser moral independente, autônomo e, por conseguinte, essencialmente não social portador dos nossos valores supremos, e que se encontra em primeiro lugar em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade” (DUMONT, 1983, p. 37). Mas, para o autor, essa ideologia é artificial, pois existe uma primazia do social sobre o individual: “[...] a percepção de si mesmo como indivíduo não é inata, mas aprendida. Em última análise, é-nos imposta pela sociedade na qual vivemos” (DUMONT, 1966, p. 42).

Encontraremos, também, nos estudos do sociólogo Émile Durkheim algumas passagens que vêm reafirmar essa crítica. Em seu livro *O suicídio* diz-nos a respeito das tendências sociais: “[...] um conjunto de energias que, a partir do exterior nos determinam a agir à semelhança das energias físico-químicas cuja ação sofremos [...]” (DURKHEIM, 1982, p. 330-331). Assim, podemos entender que o indivíduo não pode

causar a si mesmo, pois sua constituição decorre de forças externas a ele. Em outra passagem diz-nos, ainda:

Mas, como não há nada no indivíduo que lhe possa fixar um limite, este lhe deve necessariamente vir de alguma força exterior ao indivíduo. É preciso que uma força reguladora desempenhe para as necessidades morais o mesmo papel que o organismo para as necessidades físicas. Isso significa que essa força só pode ser moral (DURKHEIM, 1982, p. 262).

Podemos dizer que para a Psicanálise este projeto da modernidade está fadado ao fracasso. Freud deslegitima a liberdade que o discurso da ciência atribui ao *eu*. “[...] o ego não é o senhor da sua própria casa” (FREUD, 1917, p. 178). Isso porque é comandado por forças psíquicas que desconhece, por serem inconscientes. Assim, a razão e a consciência não são mais as tributárias da verdade sobre o ser do sujeito, mas, sim, lugar de um mero engano. Também Lacan, ao fazer a releitura do texto freudiano o ratifica, e, com o auxílio da Linguística e da Antropologia, vai além e desenvolve conceitos que vêm confirmar essas críticas, pois vê neste indivíduo uma liberdade e uma unicidade que contradizem a realidade das relações sociais. Ensina-nos “[...] que Freud descobriu no homem o peso e o eixo de uma subjetividade que ultrapassa a organização individual, como soma das experiências individuais [...]” (LACAN, 1985, p. 58). Vai ao encontro das teorias sociológicas e antropológicas que defendem a primazia do social sobre o indivíduo.

Um certo campo parece indispensável à respiração mental do homem moderno, aquele em que se afirma sua independência em relação, não só a todo senhor, mas também a todo deus, aquele de sua irredutível autonomia como indivíduo, como existência individual. Há justamente aí alguma coisa que merece ser comparada em todos os pontos a um discurso delirante (LACAN, 1988, p. 154).

No conto “Cartas de mamãe” de Julio Cortázar, o personagem Luiz é argentino e vive em Paris há dois anos. Tinha um irmão (Nico) que morreu. Sua mãe, tios, primos, amigos moram na Argentina e são referenciados na narrativa. Nico, irmão de Luís, adoece e este começa a sair com Laura, a noiva de Nico. Nico morre, Luis casa-se com Laura. Isso não aconteceu sem a desaprovação familiar, e desta pretendem livrar-se o mais rápido possível embarcando logo para Paris. Em Paris quase nunca falavam sobre a vida na Argentina e muito menos de Nico e nem de sua morte. Mas sempre chegavam

cartas da mãe de Luís trazendo notícias que tinham o poder de desorganizar sua existência parisiense. Essas cartas pareciam insinuar que sua liberdade era condicional. Isso foi mais contundente nas duas últimas cartas comentadas no conto, nas quais a mãe citava o nome de Nico e numa delas anunciava a chegada deste a Paris em uma data determinada. Durante toda a narrativa podemos presenciar um conflito intenso do personagem Luis em relação à sua vida em Paris deflagrado pela presença/ausência de Nico, já que o silêncio em relação a este o torna cada vez mais vivo em suas vidas.

“Cada carta de mamãe (inclusive antes daquilo que acabava de acontecer, aquele absurdo erro ridículo) mudava de repente a vida de Luis, devolvia-o ao passado como uma bola quicando com força” (CORTÁZAR, 1994, p. 10). Aqui o narrador, ao falar de Luís, demonstra-nos, dentre outras coisas, o quanto é frágil a constituição do sentido sobre o qual construímos nossa existência. Em outras palavras, com sua criação Cortázar desvela-nos como esse sentido é forjado, criador de uma realidade imaginária que faz borda à nossa existência de sujeitos faltosos. Quando as cartas da mãe chegam, tudo que dava sentido à vida de Luis se desfaz, “[...] perdia pé, apagava-se como o fundo das ruas enquanto o ônibus corria pela *rue* de Richelieu” (CORTÁZAR, 1994, p. 10-11). Essa ficção ilustra o estatuto alienado da constituição do *eu*, na medida em que esse *eu* que sabia de si, que havia excluído o passado e que havia traçado uma ordem “[...] de coisas que Luis havia querido e traçado e conseguido, adotando essa ordem em sua vida como havia adotado Laura em sua vida e Paris em sua vida” (CORTÁZAR, 1994, p. 10), esse *eu*, senhor de si, depara-se com a carta da mamãe que trazia de volta a verdade do sujeito. Sob essa ameaça ele perde seu estatuto, esvazia-se, denotando o caráter alienado de sua constituição, pois, não pode fechar-se sobre si mesmo numa completude que impediria a intrusão do Outro. A inviabilidade de tal situação é o que levou Lacan a afirmar que o individualismo tem: “[...] alguma coisa que merece ser comparada em todos os pontos a um discurso delirante” (LACAN, 1988, p. 154). Não se nega com isso a importância da estruturação imaginária do *eu*; a questão é que nos esquecemos disso quando nos apegamos a essa imagem e pensamos que somos livres para decidir nosso destino afastando tudo aquilo que nos divide, que nos descentra, encorajados por um projeto de sociedade que nos quer unos, dotados de um eu forte, equilibrado. O personagem de Cortázar lembra-nos a verdade sobre a divisão do sujeito,

pois, por mais que Luis queira apagar, não lembrar-se de seu passado, ele insiste e retorna “[...] manchando a cópia passada a limpo [...]” (CORTÁZAR, 1994, p. 11).

O que Luis esperava era agir como o mestre de si mesmo, com poderes para anular sua vida passada, e, em especial, o ato que fundou sua vida em Paris, ou seja, o casamento com aquela que havia sido noiva de seu irmão. “Se fosse possível rasgar e jogar fora o passado, como rascunho de uma carta ou de um livro” (CORTÁZAR, 1994, p. 11). Negar esta rede relacional que o constituiu enquanto sujeito é o que parece querer a modernidade ao apregoar a possibilidade de existência de um indivíduo autônomo, livre dos entraves impostos pela tradição para realizar sua felicidade. O sujeito e o indivíduo confundem-se, e o sujeito é tomado como algo que vai se adaptar ao modelo instituído, não mais pela tradição, mas pelo sonho de liberdade. “Os modernos se querem e se concebem como indivíduos livres e iguais unidos por laços “contratuais”: instrumentais e dissolúveis” (CRESPO, 2003, p. 109). Ou, ainda, segundo Alexandre Moraes: “Os problemas ligados à fundamentação de um *eu* são produtos modernos por excelência: é na modernidade que o eu ganha um sentido de individualismo e de *libertação* (em Hegel e Marx sobretudo ou, ainda, na crítica Nietzscheana)” (MORAES, 2002, p. 44).

Não é apenas na construção do personagem que Cortázar mostra-nos a diferença que há entre o *eu* e o sujeito. Não há entre o sujeito e o *eu* um completo recobrimento, portanto o sujeito não se esgota no eu. Podemos também observar isso na própria estrutura de sua narrativa. Diz-nos Cortázar:

E me agrada, e sou terrivelmente feliz em meu inferno, e escrevo. Vivo e escrevo ameaçado por essa lateralidade, por essa paralaxe verdadeira, por esse estar sempre um pouco mais à esquerda ou mais no fundo do lugar onde se deveria estar para que tudo calhasse satisfatoriamente num dia a mais de vida sem conflitos (CORTÁZAR, 1993, p. 167).

Sendo assim, há nesta narrativa sempre a possibilidade de sentidos outros, de deslocamentos, pois em algumas passagens há um velamento de um sentido possível, e em outras um apontamento para um não saber através de uma pergunta que é sempre formulada, inclusive com um ato de negação ao formulá-la. O saber é sempre colocado à prova, como podemos observar nos fragmentos que se seguem e em muitos outros no decorrer do conto:

– Ficou louca – disse.

Luis acendeu um cigarro. A fumaça fez com que ele chorasse (CORTÁZAR, 1994, p. 24).

Ao descer do ônibus na *rue* de Rennes, perguntou-se bruscamente (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo?) porque não queria mostrar para Laura a carta de mamãe. Não por ela, mas pelo que pudesse sentir. Não se importava muito com o que ela pudesse sentir, desde que disfarçasse. (Não se importava muito com o que ela pudesse sentir, desde que disfarçasse?). Não, não se importava muito. (não se importava?) (CORTÁZAR, 1994, p. 12).

Sobre sua escrita diz-nos ainda Cortazar:

Escrevo por falência, por deslocamento; e como escrevo de um interstício, estou sempre convidando que outros procurem os seus e olhem por eles o jardim onde as árvores têm frutos que são, por certo, pedras preciosas (CORTÁZAR, 1993, p. 166).

Para a Antropologia e a Sociologia, o individualismo que sustenta o projeto de sociedade da modernidade não é possível, pois o indivíduo é um ser relacional. Para a Psicanálise, a verdade é que o sujeito é dividido, é não-todo, é que a relação com o Outro é constitutiva. A literatura de Cortázar também traz-nos à existência um personagem dividido. Esses diferentes discursos, cada um a seu modo, pretendem colocar à amostra o quanto é enganoso o projeto individualista concebido pela modernidade, pois ao fazer calar o sujeito haverá sempre uma abertura através da qual se fará presente, insistirá e retornará sob a forma, de depressão, de violência, de “cartas de mamãe”, da dúvida, de fantasma, de passado, de morte, a palavra amordaçada. Portanto, o sujeito do referido conto é típico da atualidade e nos deparamos com sua representação, ou seja, com sua impossibilidade de representação.

A respeito dessa insistência deixemos falar por nós o narrador:

Mas Laura continuava calando o nome de Nico, e toda vez que o calava, no momento exato em que teria sido natural que o dissesse, e exatamente calava, Luis sentia novamente a presença de Nico no jardim de Flores, escutava sua tosse discreta preparando o mais perfeito presente de casamento imaginável, sua morte em plena lua-de-mel daquela que havia sido sua noiva, daquele que havia sido seu irmão (CORTÁZAR, 1994, p. 10).

Apesar de poder ser tomado como um discurso que vai à contramão do projeto da modernidade, este conto traz-nos as marcas desta num personagem que, vivendo em meio à cidade tenta ser uno, feliz e livre de seu passado. De modo brilhante, Julio Cortázar coloca-o diante do Outro, que é faltoso por excelência. Luis, bem como a própria narrativa, não estão ‘todos’ neste projeto, pois mostram-se atravessados, divididos, descentrados, colocados entre uma pergunta e outra, entre a vida que viviam e aquela que insistia em não morrer, numa “liberdade condicional” (CORTÁZAR, 1994, p. 10).

É este saber sobre o ser do sujeito que supomos presente e implícito neste conto e que se desvela na criação de um personagem em conflito, dividido entre o saber e a verdade que o causa.

Referências:

BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CORTÁZAR, Julio. Cartas de mamãe. In: _____. *As armas secretas*. 2. ed. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1994.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CRESPO, Noêmia Santos. *Modernidade e declínio do pai: uma abordagem psicanalítica*. Vitória: Edufes, 2003.

DUMONT, Louis. *O individualismo uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo sociológico*. Tradução de Luz Cary, Margarida Garrido e J. Vasconcelos Esteves. Rio de Janeiro: Presença, 2007.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXI.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XVII.

LACAN, Jacques. *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Tradução de Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *Seminário 3: As psicoses*. Tradução de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MORAES, Alexandre J. Marinho. *O outro lado do hábito: modernidade e sujeito*. Vitória: Edufes, 2002.

Datas do parecer:
Envio: 14/04/2010
Entrega: 16/05/2010